

PERSPECTIVAS DE UMA REFORMA DE DIMENSÃO ONTOLÓGICA PARA UMA FORMAÇÃO SOCIALMENTE RELEVANTE

PERSPECTIVES OF AN ONTOLOGICAL REFORM FOR A SOCIALLY RELEVANT TRAINING

Thamires Maia Paula Oliveira¹

Maria José de Pinho²

RESUMO

O texto aborda a necessidade de uma reforma de dimensão ontológica para uma formação educacional relevante da sociedade, especialmente quando destacamos todas as mudanças sofridas nos últimos anos. Os autores argumentam que a educação atual está focada apenas em transmitir conhecimentos técnicos e habilidades práticas, negligenciando a formação de valores, a compreensão do propósito da vida e a transdisciplinaridade nos conteúdos ministrados durante toda uma formação que deveria ser pluralizada e indissociada da vida como um todo. Destaca-se também, como a educação deve ir além do ensino de disciplinas acadêmicas e se concentrar no desenvolvimento integral dos indivíduos, proporcionando oportunidades para os estudantes explorarem suas paixões, desenvolverem habilidades sociais e emocionais, e refletirem sobre questões éticas e morais. A reforma proposta envolve uma mudança do ser primeiramente, uma transformação e realinhamento de pensamentos, para que assim, possam ser propostas reformas na forma como os currículos são estruturados, com uma maior ênfase em projetos interdisciplinares e aprendizagem baseada em problemas. Além disso, a importância de professores bem-preparados e engajados, que possam atuar como mentores e facilitadores do processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Educacional. Ontológica. Reforma.

ABSTRACT

The text addresses the need for an ontological reform for relevant educational training in society, especially when we highlight all the changes undergone in recent years.

¹ Graduada em Pedagogia, Pós graduada em Gestão de Pessoas, Gestão Escolar, Educação Inclusiva e Neuropsicopedagogia, Mestre em Educação – PPGE/UFT. <https://orcid.org/0009-0007-8827-2033/thamiresmaia@hotmail.com>

² Graduada em História e graduação em Pedagogia. Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Doutora em Educação e Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Pós - Doutora em Educação pela Universidade do Algarve-Portugal. É professora Titular (classe E), na Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Palmas. É bolsista de produtividade CNPq (PQ 1E). <https://orcid.org/0000-0002-2045-3010/mjpgon@uft.edu.br>

The authors argue that current education is focused only on transmitting technical knowledge and practical skills, neglecting the formation of values, understanding the purpose of life and transdisciplinarity in the content taught throughout a training that should be pluralized and inseparable from life as a whole. It is also highlighted how education must go beyond the teaching of academic subjects and focus on the integral development of individuals, providing opportunities for students to explore their passions, develop social and emotional skills, and reflect on ethical and moral issues. The proposed reform involves a change of being primarily, a transformation and realignment of thoughts, so that reforms can be proposed in the way curricula are structured, with a greater emphasis on interdisciplinary projects and problem-based learning. Furthermore, the importance of well-prepared and engaged teachers, who can act as mentors and facilitators of the learning process.

Keywords: Educational. Ontological. Reform.

1 INTRODUÇÃO

A educação é uma prática social que não se restringe somente à escola, podemos contextualizar que ela é um conjunto de práticas e ações que vêm de uma cultura própria das diversas comunidades existentes, e que se desenvolve a partir das suas necessidades e seus saberes inerentes e interpessoais, os quais transmutam de geração em geração. Nesse sentido, desenvolve-se o tipo de saber que lhe é conveniente e necessário, em uma humanidade tão diversa e multicultural, o processo educativo se constrói de forma heterogênea, não devendo se sobressair um ao outro.

A reforma ontológica da educação é um conceito que propõe uma mudança profunda na essência e nos fundamentos do sistema educacional, indo além das reformas tradicionais que geralmente focam em currículos, metodologias e infraestrutura. Uma reforma ontológica sugere uma transformação no próprio ser e na existência da educação, reavaliando o que significa ensinar e aprender, bem como os papéis dos educadores, alunos e da sociedade, essa perspectiva nos leva a questionar e reavaliar nossas crenças e concepções fundamentais sobre o mundo, a existência e o ser humano, a origem de cada conceito e, não obstante, o campo educacional.

Entre as perspectivas possíveis de uma reforma ontológica, uma delas é a adoção de uma visão holística e interconectada da realidade. Para isso, é necessário reconhecer que tudo está interligado e que não podemos compreender plenamente um aspecto da realidade sem levar em consideração suas relações com outros

aspectos, também pode envolver uma mudança na forma como entendemos o tempo e a história.

Além disso, uma reforma ontológica pode envolver uma mudança na forma como entendemos o ser humano e sua relação com a natureza. Em vez de concebê-lo em separado e superior a ela, podemos adotar uma visão mais integrada e reconhecer nossa interdependência com o meio ambiente e a importância de cuidar e preservar a natureza.

No campo educacional, toda prática é precedida por uma compreensão de como o mundo se constitui. Pode-se referendar práticas que se limitam à repetição do existente ou configurar o mundo de maneira radicalmente distinta, é o modo como o mundo é significado que faculta e referenda determinada prática (Cunha, 2005).

As repercussões desse debate, no campo educacional, são inumeráveis, afetando demasiadamente a prática educativa e nossa lucidez sobre ela. Portanto, a reflexão não deveria ser iniciada pelo campo teórico-prático de forma indissociada? Pelas formações engessadas e concepções ao positivismo da ciência? É notório a crise existente dentro da educação brasileira, os anos vem e vão e os avanços nas formações de professores não acompanham os tempos atuais, se os estudantes vivem em uma geração diferente, é necessário que a comunidade docente se adeque a ela.

No paradigma que se delineia para o século XXI, a escola e a sala de aula deverão ser um lugar onde possam ocorrer trocas de experiências entre alunos, professores e comunidade. Trocas estas que dependerão, dentre outros fatores, das habilidades do professor em trazer a comunidade e a vida cotidiana para a sala de aula, formando uma espécie de conhecimento em rede (Costa *et al.*, 2014 p.98).

Refletindo o texto do qual foi retirada esta citação, observa-se que os autores destacam a relevância da transdisciplinaridade na educação, que é extremamente relevante porque ela vai além das disciplinas tradicionais, buscando conectar diferentes áreas do conhecimento e promover uma compreensão mais completa e contextualizada dos temas estudados, tem uma capacidade de estimular o pensamento crítico e criativo dos estudantes. Ao integrar diferentes perspectivas e abordagens, os discentes são incentivados a questionar, analisar e sintetizar

informações de maneira mais profunda e significativa, bem como, se sentem incentivados à pesquisa interdisciplinar.

Além disso, a transdisciplinaridade também ajuda a desenvolver habilidades essenciais para o século XXI, como a capacidade de resolver problemas complexos, trabalhar em equipe e lidar com a incerteza. Ao explorar diferentes disciplinas e abordagens, os estudantes aprendem a adaptar-se a diferentes contextos e a lidar com a diversidade de ideias e perspectivas.

As disciplinas tradicionais ainda são importantes para fornecer uma base sólida de conhecimento em áreas específicas, podendo ser associadas à transdisciplinaridade, que por sua vez, fará o trabalho de ampliar essa base, permitindo que os alunos façam conexões entre diferentes áreas e desenvolvam uma compreensão mais holística do mundo, por isso o pedido de *Reforma* é tão presente nos textos aqui apresentados.

A etimologia da palavra *Reforma* é: forma regressiva de reformar, do latim *reformare* “dar a forma primeira a”; Significado: Ato ou efeito de reformar, de atribuir uma forma melhor, de corrigir. Daremos “forma primeira a” sem revisar em premissa da *Reforma* ontológica? Poder-se-á dizer que *Reforma* educacional é verdadeiramente um aprimoramento quando por exemplo, visualizamos o plano de mais fragmentação dos conteúdos do novo ensino médio?

Ao mencionarmos a crise na educação, além da impressionante violência nas escolas, de todas as formas e estancias, a seguir vem a “luta de classe” que lamentavelmente alcançou um embate entre a classe adulta docente e os estudantes adolescentes, ocasionando alvoroço, desrespeitos, insultos, sanções excessivamente punitivas e ultrajantes.

De um lado professores que não mais detêm os saberes, de outro, os estudantes com uma gama diversa de saberes literalmente nas mãos, levando à depreciação da profissão docente. Profissão essa, inclusive, que tem um panorama futuro preocupante; estudos já indicam a falta de 235 mil professores da educação básica em 2040.

Nesse caso, é preciso admitir que a crise do ensino é inseparável da crise da cultura. No decorrer do século XIX, teve início de dissociação, que hoje se tornou disjunção, entre dois componentes da cultura, o científico e o das humanidades. A cultura científica produziu conhecimentos que cada vez mais se distanciam dos caminhos da cultura das humanidades, que não possuem senão vagos conhecimentos midiáticos das contribuições fundamentais das

ciências ao conhecimento de nosso universo físico e vivo (Lima; Spellmann, 2022, p. 12).

Quando pensamos em construção de conhecimentos, logo projetamos como objetivos o pensamento crítico e a compressão integral dos conteúdos, intencionando a aplicação de forma holística e que a preparação dos estudantes deve se dar para o mundo real, a interdisciplinaridade é o caminho facilitador deste objetivo, permitindo que o discente veja um tema de várias perspectivas, o que facilita a compreensão mais rica e completa. Por exemplo, ao estudar um fenômeno social, o estudante pode analisar tanto os aspectos linguísticos quanto os sociais, históricos e culturais. Isso faz com que o aprendizado se torne mais significativo e conectado com a realidade.

Numa sala de aula interdisciplinar, a autoridade é conquistada, enquanto na outra é simplesmente outorgada. Numa sala de aula interdisciplinar a obrigação é alternada pela satisfação; a arrogância, pela humildade; a solidão, pela cooperação; a especialização, pela generalidade; o grupo homogêneo, pelo heterogêneo; a reprodução, pela produção do conhecimento (Fazenda, 1994, p. 86).

Fica incontestável nas citações acima que, para Fazenda, a interdisciplinaridade possui uma dimensão antropológica, no sentido de absorver e influenciar os comportamentos, ações e projetos pedagógicos. Ou seja, para ela, a interdisciplinaridade transcende o espaço epistemológico, sendo incorporada aos valores e atitudes humanos que compõem o perfil profissional/pessoal do professor interdisciplinar.

2 PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS

Considerando a óptica de Foucault (2010) sobre a Sociedade Disciplinar e a Sociedade de Controle retratada por Deleuze (1992), Han (2015) instaura um diálogo em que investiga os mecanismos de produção de subjetividade e relações de poder na contemporaneidade. O filósofo averigua os cenários e deslocamentos das tecnologias de poder que, antes eram centradas no esquema de poder pela negatividade e a *posteriori*, pela positividade na atualidade, considerando que a segunda opera de modo bem mais sutil, porém ainda mais eficiente que a primeira.

A negatividade da sociedade disciplinar tende a dar lugar para a *suposta* positividade da sociedade do desempenho, sob a ótica de Han. De um ao outro, há

para o indivíduo o efeito de sua performance, por isso a positividade é suposta, dado que é permeada também de um efeito colateral oneroso ao indivíduo, culminando no cansaço. Assim,

No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação. A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados (Han, 2015, p. 14-15).

Com as transformações contemporâneas mais complexas, é estimulado que o sujeito da sociedade do desempenho e do cansaço seja um articulador de seus projetos e se constitua, cada vez mais, um empresário de si mesmo. Estimulado pela hiperatividade do sistema capitalista neoliberal, com hiperfoco no desempenho em todas as categorias da vida, edifica-se como aquele que busca possibilidades sem limites, sobrepondo significados de liberdade e controle e transpondo seus empreendimentos ao máximo de visibilidade e imediatez (Han, 2015, p. 12).

Ao tempo que atinge um objetivo, já persegue outro, e deste modo, se vê emaranhado neste mecanismo.

Assim, o projeto de poder vai se transportando de técnicas coercitivas para outras mais sedutoras que extasiam o sujeito e visam níveis cada vez mais altos de produtividade. Consegue-se extrair da visada filosófica de Han que necessitamos de depreender-nos, sem apressamento sobre as relações entre amor, conhecimento e transformação, em um exercício de saber filosófico, social e cultural.

A máxima de produtividade, para multiplicar bens e informações sem opacidade ou velamento, fenômeno típico da Sociedade da Transparência na era digital, parece não dar espaço para um “morrer-se no outro” convertendo morte em vida, ao se deixar tocar por uma alteridade atópica, um eros assimétrico, em prol de um retorno conciliador para o si (Han, 2017a; 2020b). Repensar com sensibilidade o lugar do outro nas condições de ser e viver do sujeito na contemporaneidade, pode ser um caminho para manter ativa a vivacidade da vida e a busca pelo bem-viver.

A globalização é parte fundamental das nossas vidas, portanto, os propósitos de vida e conceitos de sucesso veem mudando de forma frenética e desenfreada que prega o capitalismo exacerbado, tirando o verdadeiro propósito da *Reforma* que deveria estar em crescente desenvolvimento na sociedade.

Quando falamos de educação de qualidade, falamos de uma educação que também promove a participação ativa dos estudantes na comunidade, incentivando o envolvimento em projetos e ações que visem melhorar a qualidade de vida das pessoas e promover a justiça social. Isso pode incluir atividades de serviço comunitário, projetos de pesquisa e intervenção social, entre outros.

Uma educação socialmente relevante também valoriza a diversidade e a inclusão, reconhecendo e respeitando as diferentes experiências, culturas e perspectivas dos estudantes. Ela busca promover a equidade e a igualdade de oportunidades, garantindo que todos os estudantes tenham acesso a uma educação de qualidade, independentemente de sua origem social, étnica, econômica ou de gênero.

Em resumo, a educação socialmente relevante busca formar cidadãos conscientes, críticos e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e sustentável. Ela reconhece a importância da educação como um instrumento de transformação social e busca preparar os estudantes para serem agentes de mudança em suas comunidades e no mundo.

Para Morin, os sete saberes necessários para uma a educação do futuro seria repensar a *Reforma*, reformar o pensamento e se opor à fragmentação dos conhecimentos, propondo o desenvolvimento do pensamento complexo que está ligado a uma *Reforma* do pensamento por meio do ensino transdisciplinar, capaz de formar cidadãos planetários, solidários e éticos, aptos a enfrentar os desafios dos tempos atuais. Para o autor, a complexidade é um desafio que sempre se propôs a vencer (Morin, 2004, p. 10).

Em concordância com Morin, Freire, discursa em sua obra *Pedagogia dos sonhos possíveis*, a importância em que os educadores têm em não deixarem suas habilidades sonhadoras, para que a educação percorra um caminho de libertação e assim, seja reinventada na compreensão de sua propagação.

Ai daqueles e daquelas, entre nós, que pararem com sua capacidade de sonhar, de inventar sua coragem de denunciar e anunciar. Sonhar coletivamente é, pois, um desafio que se coloca todos (as) que lutam pela reinvenção da educação, na perspectiva de sua democratização, na escola e em outros espaços educativos (Freire, 2014, p. 18).

Além de reinventar a educação, é pertinente caminharmos no sentido de popularizar os saberes, fazendo com que a conexão dos conteúdos faça parte de uma

complexidade de intervenções que produzam caminhos facilitadores aos discentes em suas compreensões desta completude de componentes. Levando assim, a condensação das disciplinas, que visa criar possibilidades variáveis de entendimentos.

Conforme Brandão, a socialização é responsável pela transmissão do conhecimento, portanto, ninguém aprende sozinho, o saber que cada indivíduo aprende, depende do seu meio social, assim como a evolução e a subjetividade de cultura conduz o homem à transmissão do conhecimento, inserido em prática social, de ensinar-aprender-ensinar.

Não há uma forma única nem um arquétipo de educação, a educação existe no imaginário das pessoas e na ideologia dos grupos sociais e o que se espera é a transformação de sujeitos e mundos em alguma coisa melhor. A educação está presente onde não há a escola e por toda parte pode haver transferências de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criado um modelo de ensino formal e centralizado. Na espécie humana a educação não continua apenas o trabalho da vida. Ela se instala dentro de um domínio de trocas de símbolos, intenções, padrões de cultura e de relações de domínio.

Afirma Brandão ainda que, não há apenas ideias opostas ou diferentes a respeito da educação e seus fins, há interesses econômicos, políticos que se projetam sobre a educação, o que leva o ser humano a realizar as suas potencialidades espirituais, físicas, morais e intelectuais. Processo esse de duração contínua que começa nas origens do ser humano e se estende até à morte.

O autores ainda que com suas particularidades, definem a educação como um meio que permite “assegurar a formação e o desenvolvimento de um ser humano”, e “o ensino como arte ou ação de transmitir conhecimento ao aluno de modo que os compreenda e assimile” (p.10 e 11), reforçando a ideia que o ensino tem como missão transmitir não apenas o saber, mas uma cultura que permita compreender as condições em que vivemos e que favoreça um modo de pensar mais amplo, propondo uma nova reorganização do pensar.

Reformar o pensamento além de complexo, é uma questão ontológica que Morin deixa claro em seus textos, retornando à etimologia da palavra, como “daremos forma primeira a”, se não damos forma primeira aos nossos pensamentos, aos nossos conceitos, aos nossos preconceitos e conseqüentemente a tudo o que vemos, lemos,

falamos e julgamos. “Dar forma primeira a”, advém do interior, da sua própria *Reforma* e a partir daí, reluzir aos que alcançar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os autores nos levam a refletir sobre o desafio da educação nos tempos atuais e atentam para a urgência da humanização e a *Reforma* do pensamento através da interdisciplinaridade. “Mestre não é quem sempre ensina, mas quem sempre de repente aprende!” (Brandão, 2007, p. 7).

A perspectiva dialógica em sala de aula torna-se nesse sentido, fundamental, atrelando os conteúdos em nome de uma educação que propõe emancipadora. Assim, professores e alunos acontecem no processo, protagonizando um processo que é permanente para todos os envolvidos, Afinal, “Ninguém escapa da Educação” (Brandão, 2007, p. 7).

Tornar o conteúdo de sala de aula significativo, promovendo compreensão crítica dos conteúdos constitui uma pedagogia facilitadora e emancipatória, necessária para promover um maior entendimento sobre a atual sociedade e suas transformações que refletem fortemente no processo educacional, o que é uma questão de direito adquirido.

Uma pedagogia que se fundamente no diálogo aberto, onde a mencionada compreensão crítica seja exercida de maneira exitosa por todos os envolvidos no processo, requer o esforço permanente de tomar os envolvidos como protagonistas no processo de ensino aprendizagem, ao passo que rompe de maneira efetiva com a perspectiva do aluno como um receptor de conhecimento sem a oportunidade de ser ouvido e acolhido em sua singularidade. Certamente que esse processo pode incorrer em certo desconforto, diante a multiplicidade de seres e opiniões em um mesmo grupo, concepção de mundo distinta e o aspecto cultural, requerem de todos o exercício da tolerância para que o processo possa lograr êxito.

Por fim, não podemos simplesmente desconsiderar toda a pressão e opressão que a classe de professores sofre com as políticas públicas impostas, que em grande parte, não são criadas por quem está no chão de sala de aula, mas por quem não conhece e acompanha a realidade das escolas públicas brasileiras, pois uma coisa é

dizer como fazer partindo de uma suposição ou números abstratos, outra é o olhar efetivo de pensar uma política pública a partir do olhar daquele que está efetivamente no exercício do magistério.

A falta de apoio e assertividade nas políticas educacionais resultam em afirmar que diversas são políticas de governo e não de Estado, o que constitui uma questão avassaladora para a educação que impede avanços e bloqueia progressões adquiridas, envolvendo-nos num *looping* que se resume em avançar um ponto / regride em dois pontos, processo esse cansativo e desanimador para a classe docente.

Ademais, a ideia de uma reforma ontológica da educação é, portanto, radical e busca transformar a maneira como concebemos a educação em todos os seus níveis, do individual ao coletivo, que pode auxiliar a todos frente ao *cansaço*, esse efeito colateral da sociedade do desempenho, ao qual aponta Han, ao qual estamos todos submetidos. É um convite para repensar e reimaginar a educação a partir de suas bases mais fundamentais.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. **Lei 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990.

COSTA, R. G. *et al.* A universidade e os desafios da formação docente em uma era de supercomplexidade. **Entretextos**, Londrina, v. 13, n. 2, p. 87–107, 2014. DOI: 10.5433/1519-5392.2013v13n2p87. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/14616>. Acesso em: 24 ago. 2023.

CUNHA, Maria Isabel. **O professor universitário na transição de paradigmas**. 2. ed. Araraquara: Junqueira & Marin Editores, 2005.

FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 4. ed. Campinas: Papirus, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Paz & Terra, 2014.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

LIMA, M. C.; SPELLMANN, S. 2022. Desigualdade global, crise multidimensional e as falácias do desenvolvimento. **Caderno CRH**, 35, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v35i0.47583>. Acesso em: 28 jul.2023.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MORIN, Edgar. Uma crise multidimensional. *In*: MORIN, Edgar. **Ensinar a viver**: um manifesto para mudar a educação. Porto Alegre. Editora Meridional/Sulina, 2015.